

## RESENHA ANTITERAPIAS

Darlan Roberto dos Santos<sup>1</sup>

### Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

Como definir *Antiterapias* – livro que garantiu ao mineiro Jacques Fux o prêmio São Paulo de Literatura 2013, na categoria autor estreante até 40 anos? Uma autobiografia? Autoficção? Ensaio de um jovem intelectual com toques memorialísticos? Talvez, o mais indicado seja fugir de qualquer definição – ou abarcar todas elas. Em sua primeira incursão pela narrativa literária (o livro de estreia, publicado em 2011, *Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o OULIPO*, é uma versão de sua tese de Doutorado), Jacques Fux assume o risco do desnudamento pela escrita e revela sua pluralidade – de referências, culturas e dilemas.

Construída em primeira pessoa, a obra mantém uma inegável relação com as reminiscências íntimas do autor. Está tudo ali: a infância e a dura constatação de “ser diferente”, a presença marcante da família e da comunidade judaica, as primeiras descobertas amorosas, o deleite alcançado através da literatura e das paixões mundanas, o alicerçar do futuro intelectual... Tudo devidamente pontuado pela especificidade do ser judeu.

Entretanto, quanto mais reforça essa característica, mais a personagem assemelha-se a qualquer um de nós – judeus ortodoxos, assimilados ou goim (como são designados os não judeus). Mediante questões existenciais que atingem a grande maioria dos mortais – os dramas familiares, a difícil transição da infância para a adolescência, a sensação de estranhar o mundo e ser alvo de seu estranhamento –, o narrador mostra-se, afinal, *humano*. *Antiterapias* constitui-se, desse modo, como uma espécie de “ensaio humanista”, no qual vemos realçada, não a singularidade judaica (ou, pelo menos, não *apenas* esta), mas, a pluralidade humana.

Evidentemente, as temáticas inerentes ao povo judeu estão presentes, seja nas recordações das tradições

e ritos, no doloroso processo de assimilação cultural, nas menções aos preconceitos sofridos na diáspora, ou na rememoração da *Shoah* (genocídio do povo judeu, na Segunda Guerra Mundial). Quanto a este assunto, a obra traz um relato “paralelo”, na persona de um judeu perseguido pelos nazistas, fugitivo de um passado que teima em atormentá-lo, e cuja voz emerge em vários momentos, assinalada por uma grafia diferenciada, sinalizando tratar-se de “uma história dentro da história” (ou seria uma personagem dentro da personagem?).

É como se houvesse uma vivência anterior, até então recalçada, que emerge, a quem Fux dá voz, através de sua literatura. Um *outro*, que fala através do garoto, do adolescente e do jovem, que está apenas começando a trilhar os caminhos de um “judeu pós-moderno”, afinado com sua época fragmentada, multicultural, híbrida e desmemoriada. Mas, é preciso lutar contra a desmemória. Ela representaria a anistia aos “malditos nazistas” (expressão recorrente no “entretexo”) – e isso, a personagem de *Antiterapias* parece não admitir:

Os malditos nazistas me fizeram rememorar mais ainda. Eles foram responsáveis pela busca de minha memória judaica. Quase já apagada pela passagem do tempo. E dos belos momentos que vivi. Os malditos nazistas que, naquela noite, me espancaram, me fizeram resgatar minha memória e minha literatura. Resgataram minha vontade de testemunhas. De me prender ainda mais às lembranças. (FUX, 2012, p. 54)

Quanto às questões de maior “abrangência” – a relação com os pais, a incursão em uma nova escola, a chegada da adolescência e da vida adulta, as escolhas pessoais, entre outras –, o fato de serem vivenciadas por um judeu não faz delas tão alheias a um *goi*. “Nós, judeus contemporâneos, achamo-nos diferentes” (FUX, 2012, p. 75), assinala o narrador. Entretanto, ele mesmo problematiza:

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Comparada, professor da Universidade Federal de Ouro Preto.

É interessante pensar que muitas vezes nos sentimos mais especiais e diferentes que todos, já que não conhecemos o outro. O outro é o estranho. E como não temos nenhum acesso a esse outro, estranho, sentimos-nos distintos. Distantes. Diferentes. Na verdade, temos todos os mesmos medos, receios, sonhos. (FUX, 2012, p. 35)

Portanto, ao permitir que nós, leitores, adentremos em sua intimidade (via literatura), o autor torna possível a identificação com o que existe de mais humano e universal, a despeito de culturas, raças ou crenças.

*Antiterapias* não é uma obra de guetos, de ruas de mão única, mas, de jardins de caminhos que se bifurcam, já que não há pretensão de chegar a um destino determinado, de responder às interrogações existenciais e filosóficas que se sucedem no texto (e elas são muitas). Lembremo-nos, afinal, de que estamos diante de um jovem autor de 36 anos, um memorialista que ainda está no *processo* de acúmulo/invenção de suas memórias e, talvez por isso, conserva uma “inconseqüência” salutar, o “caos verborrágico” que parece duelar com a ânsia enciclopédica de angariar e catalogar lucubrações, experiências e falseios: “A verdade? Eu não tenho, aqui, nenhum comprometimento com ela. Apesar de todos os homens que andam na rua serem homens-narrativas, eu invento para tornar a vida mais agradável. Mais suportável. E torna-la mais próxima da literatura” (FUX, 2012, p. 140).

Até mesmo o título do livro assinala a indefinição, a insolubilidade que se apresenta na literatura proposta por Fux. Se, para o historiador Eric Hobsbawn, o gênero memorialístico configura-se como um “mapa”, capaz de nos guiar pelos “caminhos de toda uma vida” (HOBSBAWN, 2002, p. 21), *Antiterapias* escapa a tal mapeamento; não se presta a ele.

O termo *Terapia*, afinal, provém do grego, *therapeia*, derivado do verbo *therapeuo*: cuidar, servir. Do grego, a palavra passou para o latim, e deste para as línguas modernas, com o sentido abrangente de “qualquer meio ou procedimento usado no tratamento de mazelas, físicas e mentais”. Sua antítese, portanto, pode ser entendida como a assunção da impossibilidade – ou, melhor dizendo, de qualquer intenção – de fazer da literatura uma panaceia. Eis a *antiterapia*, que parece operar não como um lenitivo, mas, como algo instigante, provocador de temas delicados, que vão do questionamento de dogmas à descoberta da sexualidade. Incita-se, assim, a dor (e a delícia) de sentir-se diferente, de se misturar ao mundo, mesmo que este mundo mostre-se, muitas vezes, inóspito.

Como estratégia (talvez), para lidar com uma realidade tão diversa, tão “labiríntica”, a personagem elaborada pelo autor adota a fragmentação – expressa também na estrutura do livro, dividido em pequenos capítulos, nomeados com “rótulos”, “atribuições” ou, simplesmente, diferentes máscaras, assumidas pela personagem que se apresenta na obra: astrofísico, arqueólogo, delinquente, antropólogo, vidente, falsário, ficcionista... Qual destas (e de outras mais) seria a

verdadeira face do “eu” que se projeta no texto? Qual desses constructos poderia preencher a máscara vazia que estampa a capa do livro, tal como um corpo sem alma? Em meio a dúvidas e reticências, a leitura de *Antiterapias* nos assinala, afinal, que se trata de uma máscara mágica, maleável, capaz de se ajustar aos vários rostos encarnados pelo autor-personagem, ao longo dos breves 21 capítulos que antecedem o posfácio e o glossário (providencialmente incluído para os “não iniciados” na cultura judaica).

O prefácio, em vez de um texto coeso, é preenchido com citações de personalidades diversas, que vão de Marcel Proust a Tolstói. Em uma delas, do judeu e sobrevivente do Holocausto Primo Levi, tem-se o que pode ser considerada a prévia defesa de *Antiterapias*, tomada de empréstimo do italiano, autor do célebre *É isto um homem?*:

Este mesmo livro está embebido de memória: ainda por cima, de uma memória distante. Serve-se, portanto, de uma fonte suspeita, e deve ser defendido contra si mesmo. Daí que contenha mais considerações do que lembranças, se detém de boa vontade mais no estado das coisas tal como é hoje do que na crônica retrospectiva. (LEVI, 2004, p. 29)

O diálogo com a obra de Levi (assim como a de outros inúmeros autores) é perceptível no livro de Fux, comprovando a amplitude da obra, que escapa à “autoficção estrita”, assumindo ares de um “ensaio autoficcional” – algo bastante ousado, em se tratando de um escritor iniciante. Jacques assume, em certo sentido, a concepção benjaminiana de história, apoiada nos rastros e na memória; ou melhor, nas memórias (particulares e alheias, plurais, multifacetadas, acumuladas por ele e por outrem, em camadas, substratos).

*Borgiano*, Fux envereda por recordações falseadas, deliciosamente inventadas, expressas em um texto que se divide entre a ironia, o sarcasmo e a criticidade. Ele aceita o desafio dessa polivalente literatura, na qual memória e esquecimento caminham juntos: “Rememoro e reconstruo” (FUX, 2012, p. 51, 82), admite. E, assim, no jogo cambiante, entre lembranças e invenções, a persona expressa no livro realiza sua “terapia às avessas”, sua *antiterapia*. “Se me lembro, é porque algo ocorreu” (FUX, 2012, p. 87), sentencia o autor, indicando-nos uma possibilidade de negociação, frente às antinomias memória/esquecimento, realidade/invenção.

“À medida que transcorrem os anos, todo homem é obrigado a suportar o crescente peso de sua memória” (BORGES, 1999, p. 450), cita Fux, em uma das epígrafes da obra. Pois o autor de *Antiterapias*, tão jovem, não tem ainda o peso da memória. Leve, fluida, ela se dispersa, mistura-se a outras reminiscências, a outras literaturas: “preencho meus esquecimentos com literatura. Com ficção” (FUX, 2012, p. 51), reitera. E, assim, constrói-se uma paradoxal autoficção, na qual escavações no subterrâneo de suas próprias lembranças

ças e nas de seu povo mesclam-se a flutuações acerca de obras alheias, divagações de um escritor diletante (e promissor): “Quando não escrevo, estou morto” (FUX, 2012, p. 159), resigna-se, enfim. Sorte de nós, leitores.

### **Referências Bibliográficas:**

BORGES, Jorge Luis. A Memória de Shakespeare. In: *Obras completas* – volume III. São Paulo: Globo, 1999.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos - o breve século XX - 1914-1991*. Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LEVI, Primo. *Os Afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

